



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

LAISA BIBIANO NASCIMENTO

**CABELO, ALÉM DOS CUIDADOS: UM ESTUDO DE MEMÓRIAS NO ÂMBITO
FAMILIAR DE MULHERES NEGRAS SOBRE OS SEUS FIOS**

Redenção

2023

LAISA BIBIANO NASCIMENTO

**CABELO, ALÉM DOS CUIDADOS: UM ESTUDO DE MEMÓRIAS NO ÂMBITO
FAMILIAR DE MULHERES NEGRAS SOBRE OS SEUS FIOS**

Projeto de pesquisa apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Trabalho de Conclusão no Curso de
Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Vera Rodrigues

Redenção

2023

RESUMO

Na presente pesquisa de conclusão de curso do bacharelado em humanidades foi realizado um estudo a respeito das memórias que o cabelo projeta na trajetória de mulheres negras no âmbito familiar. A questão é, aprofundar a discussão para além dos relatos vividos por essas mulheres em relação aos seus cabelos, ou seja, apresentar uma discussão a respeito da identidade negra, cabelo da pessoa negra, racismo, corpo negro, e afetos. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa com o intuito de acessar essas experiências e acontecimentos. A pesquisa foi realizada através de entrevistas com perguntas semiestruturadas. São mulheres negras que carregam histórias e transformações em seus fios. Nessa pesquisa foi possível fazer grandes discussões a respeito da identidade e do cabelo, este símbolo identitário negro.

Palavras-Chave: Cabelo; Identidade Negra; Racismo; Transformações Capilares.

SUMÁRIO

1 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	7
2 - TEMA	7
3 - DELIMITAÇÃO DO TEMA	7
4 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	7
5 - JUSTIFICATIVA	7
6 - OBJETIVOS	10
6.1 - OBJETIVO GERAL	10
6.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
7 - EMBASAMENTO TEÓRICO	10
8 - INTRODUÇÃO	13
9 - METODOLOGIA	15
9.1 - TEORIA	15
9.2 - TÉCNICAS DE PESQUISA	15
CAPÍTULO I - MARCADAS PELA QUÍMICA	18
1.1 - TACIANE	18
1.2 - MARIA DE FÁTIMA	25
CAPÍTULO II - DA LIBERTAÇÃO DA QUÍMICA A TRANSIÇÃO	30
2.1 - GRAZIELY	30
CAPÍTULO III - PELOS CUIDADOS DA MÃE E O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO CABELO	36
3.1 - MARIA LIDUINA	36
3.2 MARIA DE LOURDES	42
10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, o todo poderoso que me permitiu esse feito e iluminou o meu caminho.

Agradeço a minha família nas pessoas de minha avó, Maria de Lourdes Bibiano, a qual tenho grande admiração e inspiração.

Agradeço a minha mãe, Leuziane Bibiano, por acreditar no propósito e me apoiar.

Agradeço ao meu pai, Francisco Gilvan, pelo apoio e por acreditar em mim.

Agradeço a minha avó, Maria, pelo grande apreço e admiração.

Agradeço ao meu avô, Antonio Coelho, pelo grande apreço.

Agradeço a minha irmã, Ana Laila, por acreditar em mim e me dar apoio.

Agradeço também imensamente a minha orientadora, Vera Rodrigues, a qual tenho grande admiração pela mulher e professora que é.

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram nesse processo e especialmente também as meninas que participaram da pesquisa.

Epígrafe

“Preto
Quando dizemos “pretos no topo”
não é papo pra te pôr pra cima
é papo pra te pôr no teu lugar.”
(Jovem Preto Rei,2019)

1 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Este é um trabalho escrito por Laisa Bibiano Nascimento sob a orientação da professora, Dr^a Vera Rodrigues. Assim, inserindo-se como uma pesquisa qualitativa sobre a temática de identidade e estética negra.

2 - TEMA

Cabelo, além dos cuidados: Um estudo de memórias no âmbito familiar de mulheres negras sobre os seus fios.

3 - DELIMITAÇÃO DO TEMA

Um estudo no âmbito familiar sobre as memórias que estão além de cuidados no cabelo de mulheres negras.

4 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

- No âmbito familiar de mulheres negras, que memórias além de cuidados o cabelo projeta em sua trajetória de vida?

5 - JUSTIFICATIVA

Levando em consideração o processo pelo qual o corpo negro toma reconhecimento dos seus traços herdados, tomando posse da beleza que nele há, é possível analisar várias perspectivas nesse desenvolvimento. Nesse caminho para a descoberta estética do corpo negro, é interessante entender os mecanismos presentes que norteiam o impasse do não reconhecimento, isto é, sabendo-se que foi nos imposto um ideal modelo fora da estética negra para nos projetar. Isso porque, somos forçados desde a infância a nos idear no aceitável corpo branco. Isso

é o modelo estético ocidental (branco) que nos foi imposto como superior ideal a ser atingido, como pontuou Gonzalez.

Por isso mesmo nós, negras e negros, éramos sempre vistos como o oposto daquele modelo através do reforço pejorativo das nossas características físicas: cabelo ruim, nariz chato ou fomalha, beiços ao invés de lábios, tudo isso resumido na expressão “feições grossas ou grosseiras” (GONZALEZ, 2020, p.224).

Entendendo as projeções negativas que traçam o corpo negro no que tange ao seu processo de desenvolvimento estética, faz-se necessário realizar um estudo para entende-los. Partindo desse conceito, esse trabalho visa realizar um estudo aprofundado nas memórias de mulheres negras no âmbito familiar sobre o cabelo, para entender a relação de cuidados com seus fios presentes nesse processo de descoberta. O racismo no Brasil enumera infinitos elementos que contribuem para negar a identidade de um corpo preto, assim destrutando os traços da sua negritude. Nisso, pontua Souza (1983) onde, saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas (SOUZA, 1983, p.18). Nesse sentido, o cabelo configura-se como um elemento de grande desvalidação em corpos femininos negros.

Partindo dessa questão, o cabelo no processo de desenvolvimento identitário negro traça uma linha de rupturas ligadas a autoestima que são criadas pelo racismo implantado. Assim, mais uma vez o racismo contorna esse desenvolvimento de identidade, barrando a aceitação e contribuindo para um exercício de negação dos próprios traços. Isso é o que Gomes (2006) complementa quando diz que, quanto mais preta é a cor da pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais características são desvalorizadas e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto seres humanos.

O racismo e a branquitude, ao operarem em conjunto, lançam dardos venenosos sobre a construção da identidade negra e tentam limitar os

indivíduos negros, sobretudo crianças e as mulheres que, ao se mirarem no espelho, veem aquilo que ele - o racismo - coloca à sua frente. (GOMES,2006, p.13).

Nessa conjectura, o racismo vai contribuindo para um processo de negação da identidade, assim fazendo com que aquele corpo preto se projete em um corpo branco, sabendo-se que não são possuidores das mesmas características. Nesse viés, após primeiramente diluído pelos frutos do racismo inicia-se o exercício da negação, assim partindo para as transformações naquele corpo, objetivando igualar-se em uma busca incessante pelos traços do ideal branco. Como afirma Neusa:

Os esforços para curar a “ferida” vão então suceder-se numa escala patética e dolorosamente inútil. Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente, atual, de modo penoso e caricato. São os “pregadores de roupa” destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos usados para alisar o “cabelo ruim”. (SOUZA,1983, p.7).

Juntando-se a isso, o corpo feminino negro tomado pelo racismo, a negação e o estigma desamparo social trajado pelas críticas inferiorizando-a, já percebe-se implantando essas mudanças em sí, isto é, alisando os cabelos. Os fazendo passar por intensos processos de transformações químicas extremas, seja na chapinha, nos produtos de beleza, nos ferros de passar ou “penteados quentes”, assim tentando igualar-se aquele ideal social branco, tornando-se ainda mais alvo do estigma social em consequência dessas práticas.

A partir dessas conjecturas, tracejadas pelo racismo seria interessante e necessário entender no imaginário e na trajetória de quem o vive. Assim, mais que importante nos aprofundar nesse assunto que trará uma análise a partir da vivência de mulheres negras que crescem absorvendo todos esses estigmas projetados pelos racismo. Nisso, buscar na suas vivências que processos foram vivenciados e se de alguma forma em algum momento houve a superação do medo em esconder as próprias raízes e disso buscou desenvolver-se, anulando esse conflito com o intenso ideal racista.

Sabendo-se disso, esta análise vem por meio das memórias de mulheres negras ampliar os significados dos fios superando a trajetória do ideal racista que lhes é imposto quando crianças, afetando sua auto-estima e dificultando o processo de reconhecimento de suas raízes, impedindo-as de se afirmarem socialmente como são de verdade. Traçando o que Nilma (2006), expôs onde o cabelo crespo figura como um importante símbolo da presença africana e negra na ancestralidade e na genealogia de quem o possui. Tratamos a importância de afirmar a nossa identidade através desse símbolo herdado pelos ancestrais. Isto é, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades, como afirmou Souza (1983). É, através desse pensamento que possamos embasar esse estudo na busca pelo resgate das raízes negras e dele conseguir a conciênciação nesses corpos negros a se libertar das amarras do racismo impedindo-os da liberdade de amar seus traços herdados.

6 - OBJETIVOS

6.1 - OBJETIVO GERAL

- Analisar que memórias o cabelo projetou na vivência de mulheres negras do âmbito familiar.

6.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Saber que memórias o cabelo projeta na vivência dessas mulheres negras do âmbito familiar.
- Buscar saber se houveram mudanças comportamentais no processo de cuidado com fios baseados nas memórias dessas mulheres negras.
- Buscar entender o que os fios representam na vida dessas mulheres negras.
- Apresentar processos ocorridos com o cabelo baseados nas memórias de mulheres negras do âmbito familiar.

7 - EMBASAMENTO TEÓRICO

O Brasil é repleto de multiculturalidade e essa dinâmica social nos faz estar inseridos em lugares e contatos diversos. Ainda assim, em nosso país a diversidade etnico-racial toma espaço para palco dessa marca multicultural. É através desse viés que buscamos destacar a discussão sobre a identidade negra. Para Souza:

Pensar sobre a identidade negra redundava sempre em sofrimento para o sujeito. Em função disto, o pensamento cria espaços de censura à sua liberdade de expressão e, simultaneamente, suprime retalhos de sua própria matéria. (SOUZA, 1983, p. 10)

Souza (1983) destacou que o processo de identidade negra se sucede através de um sofrimento para o sujeito, isto é, o desencadeamento que está por trás da descoberta dessa identidade. Primeiramente, é preciso entender como se sucede. A construção da Identidade Negra está voltada ao uso por inteiro do corpo negro, isto, é o sujeito está suscetível a lidar com conflitos internos, levando em consideração a margem social que o mesmo “representa”. Não é tão simples reconhecer e tomar conhecimento desse processo, é uma construção do indivíduo. Souza, já dizia que “ser negro não é uma condição dada, a priori, É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SOUZA, 1983, p. 77) Ou seja, é pensar não só na condição de possuir a cor, mas nas perspectivas que cercam o vir a ser.

A identidade negra se constrói principalmente através de uma posição política, isto é, deixar de negar a realidade, pois trazer a identidade para si, é tomar consciência de processos ideológicos que reconhecem a desigualdade dos negros na sociedade. Como discorreu, Souza “construir uma identidade negra - tarefa eminentemente política -. Amparada pelas marcas historicamente disseminadas e ainda reverberadas cada vez mais, colocando-os em uma posição de segregação”. (SOUZA, 1987, p. 77). Tomar consciência dessas percepções é o primeiro passo para a construção da identidade negra. Além disso, ela é inteiramente construída como forma de uma autoafirmação, pois qualquer situação em que as características da negritude estão em evidência são tratadas como sinônimos de inferioridade.

Ao falar sobre a identidade negra, é também possível descrever sobre seus símbolos, ou seja, aquilo que a identidade carrega, e um deles é o cabelo. Esse atributo no Brasil é palco para intensas discussões, e é através dela que procuramos nesta pesquisa desdenhar as facetas que cercam essas discussões incorporadas nas perspectivas das memórias de mulheres negras.

O cabelo como símbolo identitário negro, carrega marcações históricas importantes para a cultura. Esse objeto traz consigo o suporte simbólico do conceito de beleza negra. Porém, mesmo com todos esses conceitos que enriquecem a comunidade negra, esse ícone identitário projeta para mulheres negras na maioria das vezes um processo de insatisfação.

Na obra intitulada, *Sem perder a raiz Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, Nilma Lino Gomes (2006) faz uma reflexão a respeito dos símbolos da resistência negra. Esse feito gira em torno de uma conscientização de possibilidades positivas do próprio cabelo, de um processo de reabilitação do corpo negro e a diversas manipulações e peculiaridades que giram em torno deste. Nesta construção, Nilma (2006) faz uma abertura sobre uma conscientização de possibilidades positivas que o cabelo oferece, e sobretudo delinea a quebra de uma lógica massiva racista implantada na sociedade. É possível perceber a partir desta obra, a defesa de um simbologia negra como um todo, seus atributos e características, aquilo que fala daquele sujeito. Ela nos mostra o quanto é importante, o negro adotar um perfil político de defesa e resistência do atributo que lhe oferece ascendência e poder na identidade negra. E através dessa obra procuramos dialogar sobre as possibilidades afirmativas do cabelo.

Existe uma cultura de práticas que ainda permeia a nossa atualidade, e em decorrência disso segundo Gomes (2002) as meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas” (GOMES,2002, p.43).

Desde pequena, a criança negra é influenciada a fazer alterações em seus cabelos. Na medida dessa ação, quando aquele cabelo é afro ou crespo são

projetados conceitos incorporados pelos familiares que subjugam aqueles fios com tratamentos diferenciados, como por exemplo “cabelo ruim”, termo utilizado pelas pessoas com ideais racistas, reverberados por uma cultura de predominância branca colonial, empreendendo assim uma classificação, onde tudo que vem do negro é visto com um imaginário negativo para a sociedade. Ao considerar a constância desse “eu” modificado, a criança começa uma lógica de não pertencimento dos traços herdados, ou seja, uma espécie de desvalorização, e isso vai precocemente refletir nas fases de crescimento daquele indivíduo, fazendo-o sempre buscar a modificação e valorar o que a sociedade e família acatam como o bom e agradável. Neste seguimento, até que se encontre uma forma de considerar e exaltar os atributos adquiridos é uma luta constante, Segundo Munanga apud gomes (2006).

“A conscientização sobre as possibilidades positivas do seu cabelo oferece uma notável contribuição no processo de reabilitação do corpo negro e na reversão das representações negativas presentes no imaginário herdado de uma cultura racista que destrói a estima do corpo negro” (apud, GOMES,2006. p.20)

Assim, é um processo, uma busca, uma construção para repassar para outros indivíduos o quanto a admiração pelas suas características e conhecimento também através da identidade, irá contribuir de forma significativa e positiva para a sua pessoa, dando a possibilidade de torná-lo um ser crítico por impor a sua ordem de respeito e empoderamento.

Diante das questões é importante que este diálogo seja apresentado e sobretudo discutido com mulheres pretas, para que possamos entender o que cerca esse processo de construção da identidade negra delineado através dos fios e cuidados embasados em suas memórias.

8 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce de uma memória que foi vivida no meu seio familiar. O conjunto de experiências trocadas junto da família nos fazem perceber

uma comodidade à parte do momento. Essa comodidade se trata do elo que reside nos presentes viventes. Esta memória como experiência fez-me perceber um lugar para além da comodidade de estar entre os meus, ela me refletiu um despertar.

Era por volta de 2007, em minha infância e sempre aos domingos nos reuníamos em família após o almoço. Os dias mais incríveis são aqueles mais alegres, onde estamos com quem nos faz bem e esse era o sentido dos domingos à tarde, as muitas conversas, risadas e brincadeiras. A casa de Francisca Enivânia do Nascimento Guilherme, minha tia paterna, era o ponto de encontro da felicidade.

Esses encontros eram sempre carregados de alegrias, mais para além disso, eram cheios de afeto. Na sala com TV aberta, se encontravam as primas, primos, e tias, uns assistiam, outros conversavam, mas tinha naquele local algo que sempre me chamava atenção. Era um tipo de ritual aos domingos entre as primas.

Na sala cheia, eu observava aquela rotina, e principalmente aquele costume entre elas. Havia a tábua de passar roupa, o ferro quente ligado na tomada, o pente, as cadeiras, a fila como quem espera seu momento, algumas blusas velhas que serviam como toalhas para ajudá-las a não queimar-se e proteger-se da fumaça.

Elas eram todas crespas, meninas pretas, adolescentes em busca de algo. Aquele hábito carregava o desejo de se sentir. Sentir o cabelo de outra forma, sentir os fios mudarem a sua textura, sentir-se com um novo olhar.

Aquelas práticas sempre me chamaram atenção. No ferro quente, duas delas se acomodavam. Uma delas baixava-se a altura da tábua de passar roupas e encostava a cabeça para o lado apoiada pela toalha para que não queimasse no calor do ferro. A outra em pé ajudava, ela fazia o processo de alisamento nos fios com o ferro quente e um pente.

Com a cabeça virada para o lado começava o processo. O ferro e o pente faziam aquele trabalho, o cabelo separado em mechas era puxado parte a parte. Naquela energia, encontravam-se elas à mercê da fumaça quente em seus rostos que percorriam seus fios e maltratavam seu couro cabeludo, a textura do cabelo ia

se modificando a cada passada do ferro, a fim de uma mudança. Aquilo não fazia sentido para a minha pessoa, eu apenas observava.

Aquela situação era recorrente, eu buscava o sentido e as perguntavam e as respostas eram sempre repletas de um “ah tem mudar o cabelo mesmo” “como eu vou sair com cabelo desse jeito?” “cabelo pixaim” “eu tenho cabelo pixaim” “tem que se arrumar e ficar bem bonita pra sair a noite”. Aquele dia era delas, se juntavam todas, e após o ritual já dava a hora de vestir-se e sair no domingo à noite para o centro da cidade.

A necessidade era entender o sentido da mudança e daquele fazer no cabelo, mas porque fazer aquilo? porque querer mudar assim nessas condições? Essas perguntas me acompanharam com o tempo e quando tive a oportunidade de destrinchá-las, me prontifiquei a procurar estudar as questões envolta daquelas práticas.

Esta pesquisa para além de relatos, ela carrega afetos de mulheres pretas no seu âmbito familiar que carregam vivências inesquecíveis. Nesse contexto também é o compartilhamento de experiências trocadas e vividas em uma sociedade que as influenciaram de muitas maneiras no tratamento com seus fios e suas condições. Essa memória me fez refletir muitas questões e com muita influência me instruiu a fazer esta pesquisa.

9 - METODOLOGIA

9.1 - TEORIA

Na prática, a presente pesquisa vem por meio de uma abordagem qualitativa com rigor a acessar experiências dos indivíduos estudados, em uma análise interpretativista e teórica. Com isso, a pesquisa se constitui de forma descritiva, a relatar cuidadosamente vivências do objeto. Assim, essa análise baseia-se em um estudo de caso a fim de obter o conhecimento a respeito do fenômeno estudado.

9.2 - TÉCNICAS DE PESQUISA

Essa pesquisa será realizada através da aplicação de entrevistas com perguntas semiestruturadas, a fim de recuperar as memórias de mulheres negras no cerco familiar e registrá-las com intuito de analisar cada relato e experiência construindo um diálogo com estudos voltados ao cabelo da pessoa negra.

Essa entrevista foi realizada com mulheres negras especificamente no contexto familiar, a fim de obter uma análise sobre memórias com seu cabelo. São mulheres negras que carregam traços de grandes modificações em seus fios, que viveram e contribuem para essa pesquisa com intuito de desenvolver um estudo sobre o cabelo através dos seus relatos de experiências. A realização desse trabalho contará com os relatos de memórias sobre cabelos de 5 mulheres negras da minha família contribuindo para uma análise de suas trajetórias.

As perguntas foram realizadas na entrevista de forma semiestruturada, formuladas com base na vivências dessas mulheres para com o cabelo, isto é, inicialmente, foi perguntado o que ele representa no hoje?. Em segundo plano, foi perguntado se a pessoa entrevistada gosta de cuidar dos cabelos? e a partir desta, foi-se abrindo um leque de possibilidades de perguntas para então abrir-se para o diálogo com perguntas mais abertas, mesmo seguindo um roteiro dentro dessa perspectiva, como por exemplo, na segunda pergunta, caso a entrevistada falasse que não gosta de cuidar dos cabelos seria perguntado o porquê? Uma terceira pergunta faz parte do roteiro, a pergunta é, se sempre foi fácil cuidar dos cabelos e também se teve algum período que não gostou?

Com isso, as perguntas iam se estruturando através das trocas de conversa com os relatos, como por exemplo, como acontecia/aconteceu? o que você sentia? Ao todo foram elaboradas 17 perguntas para a entrevista, porém com o decorrer dos relatos iam se acrescentando outras, como já foi descrito acima, a exemplo disso era, como ocorria tal acontecimento ou o porquê.

É importante mencionar que as perguntas elaboradas na entrevista passaram todas pela análise da orientadora. Ao todo, as perguntas passaram por duas

análises. Em primeiro caso, foram elaboradas 17 perguntas e com ela foi possível realizar ainda 2 entrevistas que, no caso, foram as de Taciane do Nascimento da Silva e Maria de Fátima do Nascimento Guilherme, compondo o Capítulo 1 - "Marcadas pela química".

Após as duas primeiras entrevistas, foi entregue à orientadora a lista de perguntas para análise e disso se deu a reformulação de novas perguntas. Após isso, passei a aplicá-las para as demais entrevistadas. As perguntas da primeira elaboração eram: O que seu cabelo representa para você? Gosta de cuidar? Sempre foi fácil cuidar? Teve algum período que não gostou? Teve algum período da vida em que achou difícil? Como você cuidava? Tem alguma lembrança ruim? (Piada, preconceito na escola ou em casa...) O que as pessoas falavam? O que foi feito? Desejou ter cabelos lisos? Isso gerou mudança? Na escola havia rejeição/racismo? Em casa, como sua mãe cuidava? Como lidava com o cabelo na infância? O que as pessoas pensam hoje interfere em alguma mudança? Como você se vê com o cabelo que tem agora?.

Ao passar por uma novos ajustes as perguntas seguem reformuladas, elas foram aplicadas para as demais entrevistadas. As perguntas que compõem a nova reformulação foram separadas em dois tópicos: memórias e atualidade. Assim, são elas: Quando o assunto é o seu cabelo, quais são as suas memórias? Lembra do que? Tem lembranças boas e ruins na infância e adolescência? Quais? Como cuidava do seu cabelo (produtos, técnicas, etc..)? Alguém ajudava? Quem? Naquela época desejava mudar o seu cabelo? Por quê?. Compondo a atualidade as perguntas foram: O que pensa sobre o seu cabelo hoje? Como cuida? Quer mudar? Há algo ou alguém que influencia na maneira como você vê e trata o seu cabelo? Em quais ambientes sente-se mais preocupada com a aparência do seu cabelo: família, trabalho, escola, universidade? Por quê? Se tivesse que escolher uma palavra para definir/falar do seu cabelo, qual seria?.

Com o comprometimento de manter a confiabilidade dos relatos obtidos foi utilizado um gravador, assim registrando cada informação obtida pelas interlocutoras, para maior segurança. Essa ferramenta foi consentida por todas as entrevistadas.

No decorrer da entrevista, foi notado grande entusiasmo da parte das entrevistadas, e em nenhum momento sentiram-se coagidas ou constrangidas com as perguntas, aliás, a troca de experiências de entrevista e entrevistada foi fluente e bem participativa. No caso, o que foi notado em alguns momentos foi o receio de fala em algumas expressões racistas que elas receberam no decorrer de suas vivências ao qual foi relatado, no caso era o medo de falar a expressão se tratando de uma pesquisa, mas demonstrei confiabilidade indagando que não precisava ter medo de fazer o registro, pois fazia parte do tratamento que a pesquisa tem a analisar.

Nessa pesquisa será feita uma análise dos relatos obtidos através do objeto de estudo, isto é, as mulheres negras, por meio de entrevistas. As entrevistas servem como fonte para a coleta de informações para complemento desta pesquisa, ou seja, a partir do que foi obtido e desenvolvido no decorrer da entrevista, isto é, os relatos, histórias, contatos deverão ser analisados, complementados e debatidos através de referenciais de estudos ligados ao tema.

No decorrer do projeto, os relatos serão analisados por capítulos, assim serão uma ou duas entrevistadas por capítulo, analisando suas trajetórias construídas a partir de memórias dos seus fios.

CAPÍTULO I - MARCADAS PELA QUÍMICA

Esse capítulo fará registro dos relatos de Taciane da Silva do Nascimento e Maria de Fátima do Nascimento Guilherme , dialogando sobre suas vivências marcadas pela química, elas irão compor o desenvolvimento deste capítulo sobre os cuidados e experiências capilares vividos durante sua vida.

1.1 - TACIANE

Taciane do Nascimento da Silva, 28 anos, é moradora da cidade de

¹Guaiúba-ce. Ela foi a primeira entrevistada, é minha prima por parte de família paterna, filha de pai preto e mãe branca. É uma jovem que trabalha com costura na cidade vizinha, mora com minha avó, Maria (Maria também é uma das entrevistadas que compõe o capítulo III).

Ela é negra, pele retinta, possui cabelos alisados através de procedimentos químicos. A questão é, nem sempre foi assim, até chegar a esse ponto, Taciane passou por longos acontecimentos até chegar no agora, mantendo-se no alisamento com produtos no cabelo.

Para ter a contribuição dela na minha pesquisa, a contatei por rede social, através do aplicativo de mensagem ²Whatsapp, informando-a que estaria realizando uma pesquisa no âmbito familiar.

Na procedência seria sobre cabelo e que gostaria da contribuição dela para a minha pesquisa, ela de prontidão logo aceitou, marcamos o momento da entrevista e eu disse que entraria em contato novamente para que a gente pudesse realizá-la.

Chegando o dia da entrevista, ela de início me perguntou como funcionava, porque até então não havia participado de algo semelhante. Eu expliquei que se tratava de uma pesquisa voltada ao meu trabalho de conclusão de curso, assim eu realizaria a pesquisa no âmbito familiar onde se tratava sobre cabelos.

É interessante pontuar isso, pois em nosso encontro ela me perguntou porque seria ela uma das escolhidas e logo de início ela percebeu, pois se tratava sobre cabelos, e é um ponto que há marcou bastante, pois na infância eu a presenciava nos seus rituais de alisamento no cabelo com ferro de passar, ela relembrou esses episódios.

A entrevista foi marcada para ser realizada na casa da minha avó, Maria (avó paterna, ela fará parte também de um dos capítulos juntamente com minha avó

¹ Guaiúba é uma cidade do estado do Ceará. Os habitantes se chamam guaiubanos. O município se estende por 254km e contava com 26 064 habitantes no último censo.

² Whatsapp é um aplicativo de mensagem.

materna, Lourdes). Foi realizada nesse local, pois como já havia pontuado, ela mora com minha avó, é um espaço calmo e serviria muito bem. A casa é grande, moram meus avós paternos, minha tia, Maria de Fátima e seu esposo, Cristiano. É interessante pontuar cada detalhe, pois faz parte da análise de estudo.

Nos acomodamos no quarto em que ela dorme, um espaço calmo e sem barulho. Eu conversei com ela novamente sobre como faríamos aquela entrevista, disse que ficasse tranquila, tratei do assunto central e iniciamos a entrevista.

- *o que seu cabelo representa para você no agora? Gosta de cuidar?*

Taciane: **Superação. Gosto de cuidar sim porque antes não tinha como cuidar dele, porque ele era totalmente diferente do que ele é agora. Ele era um cabelo crespo, aquele crespo “pixaim”, não tinha como eu cuidar dele como eu cuido agora.**

- *Era difícil?*

Taciane: **Era difícil...**

- *Naquele tempo não tinha?...*

Taciane: **Naquele tempo não tinha as tecnologias que a gente tem agora...**

- *Aqueles produtos?...*

Taciane: **É, que ajuda a alisar...Não era fácil cuidar dele... Teve um período que eu não gostei dele. Era quando ele era muito crespo. Tipo assim, eu queria usar ele solto, porque ele era aquele cabelo muito assanhado, não era aquele cabelo hidratado...**

- *Tu tinha medo do que as pessoas iam dizer? Medo da rejeição?*

Taciane: **Tinha sim... O período que eu achei mais difícil era quando eu era mais pequena...**

- *Na infância?*

Taciane: **Na infância... era aquele cabelo muito seco, não tinha o tratamento ideal para ele, até porque eu era muito pequena, não tinha como eu cuidar dele, como eu cuido dele agora... Por que antigamente, o shampoo, não era qualquer shampoo que ele se dava. Hoje já tem o shampoo apropriado para ele, creme apropriado, essas coisas...**

- *Como cuidava dele?*

Taciane: **Como eu cuidava? Eu nem sei te dizer realmente se eu cuidava dele... porque eu não tinha os produtos ideais para cuidar dele... era só na água...Teve um tempo que eu queria tratar dele que era passando alisamento... só que com o alisamento, ele piorou...**

- *Piorou o que? A textura?*

Taciane: **A textura... ficou mais seco, a cor do cabelo foi mudando, só piorou, ele já era ruim, depois que molhava voltava ao normal... aquela coisa estranha que não era tratada...**

- *Isso na infância ainda?*

Taciane: Sim, na infância, ainda nem tava no ensino médio. As pessoas falavam muito assim, “ai taciane mulher, teu cabelo tá muito seco” as pessoas não tinham coragem de chegar para mim e dizer “taciane, teu cabelo tá feio, tá muito desidratado...” as pessoas diziam que tava estranho, não chegavam e diziam pra eu ir em um profissional para fazer o tratamento adequado, não falava...

- Mascaravam o dizer...

Taciane: Era...o que foi feio que achava

logo no começo e isso me incomodava até hoje era quando eu molhava meu cabelo, chegava nos lugares e as pessoas diziam “*taciane, vai tomar banho*”. Sendo que eu já tinha molhado, e eu ficava meio assim, levava na brincadeira, e respondia que já tinha tomado banho. As pontas ficavam molhadas e do meio pra cima era seco. Aí eu decidi mudar o crespo pro liso porque isso me incomodava.

A entrevista realizada com Taciane foi marcada pela emoção de reviver os acontecimentos com seu cabelo. Ela retratou sobre suas dores passadas, suas formas de lidar com o descontentamento social e a busca pela mudança.

Gomes (2008), pontua que ao falarmos sobre cabelo, nos conduzimos a uma discussão sobre Identidade negra. E não é algo simples, Isso reforça a amplitude de percepções do sujeito a fim de que ele tenha um olhar de si, e seu corpo, mas também do olhar do outro, para fora. Isto é, a partir dessa visão reforça um conflito de entendimento do seu eu. Assim, ao considerar que cabelo é um elemento pensado pela cultura, ele se consolida como símbolo da identidade negra no Brasil.

- O que as pessoas falavam...

Taciane: Não que eu tenha preconceito com cabelos crespos, mas eu desejava ter cabelos lisos, eu achava muito bonito na época. Eu acho bonito cabelo crespo, mas para mim eu não combino. Tanto que quando eu era pequena eu sempre quis ter um cabelo liso.

- Você se sentia bem?

Taciane: Eu me sentia bem, até porque o meu cabelo não era aquele crespo

hidratado por isso eu não gostava do meu cabelo crespo, era aquele crespo sem vida, eu queria cuidar, mas eu não tinha com o que cuidar.

- Você acha que o que as pessoas falavam, te influenciou ainda mais a alisar?

Taciane: Influenciou porque quando eu era pequena eu sofria muito bullying... Na escola... o pessoal dizia “ah o cabelo de bombril”, “menina do cabelo

duro”, eu não gostava disso... e isso gerou uma mudança muito grande em mim... que foi o alisamento

- E aquela época do ferro...

Taciane: Passava o ferro, ficava aquele liso bem hidratado, mas depois voltava tudo ao normal.

É preciso entender as percepções que se constroem como base para aquilo que se expressa no processo de construção de Identidade. No Brasil, esse símbolo identitário negro reforça um processo de conflito social marcada pelo racismo, segundo Gomes (2008).

Considerando a construção histórica do racismo brasileiro (...)
O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa esse conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste.(GOMES, 2008, p. 3)

Podemos fazer uma relação disso com algumas expressões que foram reforçadas pela entrevistada taciane, na infância onde seu cabelo foi alvo dessa expressão marcada pelo racismo, pelas piadas, recebendo tratamentos pejorativos como “ruim”. Ainda assim, também perceber seu lugar de mudança que, apesar da intensa expressão do racismo configurou sua transformação na adornação dos fios com processos de química com intuito de modificar os fios a fim de rebater esse olhar social para sair do campo de inferioridade e conseguir incluir-se no que era aceitável.

- A mãe ajudava?

Taciane: Sempre a mãe da gente gosta de cuidar, ela cuidava muito... dava piolho...

- E na infância?

Taciane: Tinha muita piada, eu sofria muito bullying, eu não gostava...

- Como você se vê com seu cabelo

agora?

Taciane: É outra coisa, é mais fácil, mais prático... tipo a Thamires (irmã), ela tem o cabelo cacheado, diferente do meu como era antigamente o da Thamires era mais belo que o meu. Se o meu cabelo fosse aquele cabelo cacheado igual o da Thamires, eu não

teria mudado. Por que a gente fica escrava do alisamento. E o cabelo liso, ele dá trabalho pois você tem que ficar mantendo. Se você não manter ele vai voltar a ser o que era antes.

- *Você passou por transição?*

Taciane: Não, assim que eu comecei

com o alisamento eu venho com ele de lá para cá...

- *Taciane, como você se autodeclara?*

Taciane: Ah, eu sou moreninha

IMAGEM I

(Taciane e Laisa)



- *Você passou um alisamento ou era só chapinha?*

Taciane: Era alisamento, chapinha...

E as pessoas hoje, elas falam muito que meu cabelo mudou... Era aquela coisa esquisita para mim, as pessoas falavam muito, não é como agora... Uma pessoa que tem o cabelo cacheado é aquele cacho mais aberto,

brilhoso. O meu cabelo não era cacheado, era crespo e seco.

- *Você comentou que não tinha produto...*

Taciane: Pronto, não tinha... usava mais naquele tempo era só óleo de coco... Não tinha shampoo... era só shampoo para piolho. Não tinha tratamento como hoje. Agora mudou, né!

Dialogar sobre experiências de si mesmo, é percorrer o seu interior. E sobretudo, se tratando do cabelo que é um símbolo da Identidade Negra requer o cuidado de se enxergar e projetar para si e para o que se vê, ou seja, como aquele sujeito se expressa no processo de identidade e sobretudo se tratando sobre aquele que ainda desconhece esse atributo ou não sabe como reconhecê-los. É preciso destacar que Taciane vive conflitos internos com relação a sua identidade, isso porque ao ser questionada sobre sua autodeclaração, a entrevistada não instituiu um corpo presente na fala. Como já mencionado anteriormente, uma das principais afirmativas para o reconhecimento dela é adotar um perfil político. Isto é o que Souza (1987) discorreu:

Ser Negro é, além disto tomar consciencia do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser Negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que ressurgue o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUZA, 1987. p.77)

É importante entender que o processo de identidade não é fácil, e possui várias nuances. O processo para entender-se negro se dá sobretudo através de uma consciencia de resurgimento como aponta autora. Através dessa reflexão que ressurgue é possível que o indivíduo reconheça o corpo presente que vai assumir

reconhecendo qualquer qualquer nível de exploração. A identidade Negra, toma o corpo negro, e logo assumir-se negro é também assumir sua identidade.

É preciso saber também, para além do que se expressa é aquilo que está por trás dessa visão que o sujeito carrega do seu interior, dos seus conflitos internos. Isto é, a construção da sua identidade, marcada pela valorização de seus traços herdados, o que leva tempo para reconhecê-los ou até mesmo ludibriado pela marca doentia de tratá-los como atributos de inferioridade como a sociedade insiste em ensinarmos. Até mesmo alguém que não tenha acesso mútuo à área de estudo ou o debate em conversas rotineiras pode dificilmente chegar a conhecê-los. Isto é, nem todas as pessoas têm acesso ao conhecimento básico para que com ele quebre estereótipos construídos para o apagamento da identidade negra.

Nesse viés, é preciso reconhecer que taciene passou por intensos processos de modificações marcantes nos seus fios entre a sua infância e adolescência, e principalmente fazer uma análise de que eles foram modificados também na base de influências de conceitos ofensivos que a intencionava a questionar se havia beleza naqueles fios e ludibria-la.

1.2 - MARIA DE FÁTIMA

Maria de Fátima do Nascimento Guilherme, mulher negra, tem 32 anos, é casada e reside com os pais na cidade de Guaiuba-ce. Ela é minha tia paterna, filha de pais pretos e foi minha segunda entrevistada.

É uma mulher de pele retinta, trabalha como doméstica todos os dias, bem próximo de sua casa. Ela possui cabelos curtos, um pouco abaixo dos ombros e alisados através de procedimentos químicos e chapinha.

Como moramos bem próximas na mesma rua, foi de fácil acesso contactá-la para a sua contribuição na pesquisa. Para isso, me dirigi até sua casa, conversei sobre a faculdade e nesse ritmo falei sobre a pesquisa que eu iria iniciar e que era sobre cabelos.

Quando indaguei que seria sobre cabelos no âmbito familiar ela logo se animou e disse que poderia contribuir, e de imediato já foi me contando alguns detalhes do que já havia feito em seus cabelos e naquele momento já pude refletir sobre como seria interessante trabalhar com ela para a minha pesquisa. Com isso, marcamos um dia específico para realizarmos a entrevista.

Chegando no dia da entrevista, fui até sua casa, era uma noite, e ela já me esperava na sala de casa. Na sala, um lugar pequeno, porém não apertado, cabem algumas cadeiras e é bem aconchegante. A entrevista aconteceu na casa de minha avó Maria, onde Maria de Fátima reside com seu esposo Cristiano.

No momento em que cheguei já estava sendo aguardada na sala da casa, fui convidada para sentar, me acomodei no mesmo instante, afinal mesmo sendo uma casa onde tinha livre acesso, aquele momento era além do comodismo, era um momento profissional e importante.

De início conversamos sobre como seria a procedência da pesquisa e fui explicá-la. Ela se mostrou interessada em como seria feita a entrevista e disse que nunca havia participado de algo parecido. Após esclarecermos sobre as dúvidas e de como ocorreria, ela já estava bem a vontade, tranquila e já queria começar a falar sobre.

- O que o seu cabelo representa para você?

Maria de Fátima: Representa auto-estima boa, melhorou muito, me sinto muito bem com ele, gosto até de tirar foto, eu adoro...

- Teve algum período difícil?

Maria de Fátima: Um período difícil e que eu não gostava era quando ele ficava alto, eu me olhava no espelho e não gostava, eu não me

sentia bem. Eu dizia “Ah meu cabelo ta muito alto, eu quero cortar ele”. Eu não estava me sentindo bem.

- Isso era na infância?

Maria de Fátima: Foi na infância...

- O que as pessoas falavam contribuiu para você achar ele de outra forma?

Maria de Fátima: Ah, “Meu cabelo não está do jeito que eu quero”

- Como você queria ele?

Maria de Fátima: Eu queria ele sempre liso, eu falava assim “Um dia eu vou ter o meu cabelo liso”

- *E como você cuidava dele?*

Maria de Fátima: Assim, eu não tinha as coisas para manter, quando eu não tinha eu fazia somente lavar ele... Não era como esses shampoos bons que tem agora. Eu não podia fazer uma hidratação e hoje já está mais fácil shampoo, condicionador, máscara para manter ele bem alinhado.

- *Então, era só o shampoo e água?... Seu cabelo sempre foi curtinho...*

Maria de Fátima: Sempre eu cortava ele, custava a crescer.

- Você se recorda de alguma lembrança ruim?

Maria de Fátima: Me chamavam de ³“Zé Ramalho”, meu cabelo era cortado, em cima ele era grande, alto e embaixo era cacheado. Eu tive perebas na cabeça, tinha que cortar para ele crescer normal e foi esse tempo que ele cresceu em cima e embaixo que ficou só o ⁴“chitãozinho e xororó” porque o pessoal me chamava muito de apelido, eu entrava para casa chorando.

³ zé ramalho: essa expressão era usada para ridicularizar o formato do cabelo.

⁴ chitãozinho e xororó: expressão também usada para ridicularizar o formato do cabelo.

- *Como era na escola?*

Maria de Fátima: Na escola eu amarrava com uma fivela, o cocó no meio e a fivela em cima

- *Alguém falava algo?*

Maria de Fátima: Eu percebia o olhar de rejeição.

- *E depois de tudo?*

Maria de Fátima: Ah, depois eu fui para o salão de beleza, lá tinha tratamento, eu fiz uma química no cabelo, ele foi crescendo. E agora ele tá liso do jeito que eu quero, Eu estou hidratando com os kits que eu tenho... Assim, tinha as piadas, e eu desejava ter o cabelo liso, eu não gostava.

- *Como a sua mãe cuidava dele?*

Maria de Fátima: Ah era no azeite de coco, lavava com sabão e passava o óleo de côco.

- *E agora, como você vê o seu cabelo?*

Maria de Fátima: Hoje eu me sinto realizada, cabelo liso, hidratado do jeito que é pra ser.

- *Pretende fazer mudança?*

Maria de Fátima: Não, não pretendo fazer mudança, quero manter ele sempre assim, liso.

- *E como você se autodeclara. Qual a relação da sua cor?*

Maria de Fátima: Eu sou morena clara.

IMAGEM II***Maria de Fátima e prima***

Souza (1983) vai nos explicar sobre um dos estágios do racismo que configuram essas facetas de mudança no corpo negro. Que através dele “o sujeito negro diante da “ferida” que é a representação de sua imagem corporal, tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra”. (SOUZA, 1983,p.10) Isto é, através das mudanças realizadas pelo sujeito negro induzido aos estágios de racismo que roubam a capacidade do sujeito pensar por si mesmo. Desse modo rouba também seu jeito de pensar ou melhor sua forma de viver, como a sua personalidade que é aquilo que um sujeito projeta. Desse modo ao cicatrizar a ferida ele tenta remediá-la, pois os estágios de racismo, corroborados por cadeias da estigmatização contribuem

para a apagamento do negro, da sua cultura, da vivência, do modo de pensar e de quem ele é como um todo.

Isto é, curar essa ferida, lidar com anseios de mudança, pode-se perceber que através do relato da entrevistada o duro sofrimento enfrentado na infância sobre as piadas associadas aos seus fios caracterizando-os a um estágio do racismo na margem social brasileira. Sabendo que o racismo reverbera esse tipo de associação classificatória daquilo que é ruim, através da ferida causada, passada na infância ela tentou curar a ferida através da mudança. Para não mais enfrentar os desafios que é cuidar do seu próprio cabelo.

Souza (1983) fala sobre os estágios do racismo, e elenca três, que estão presentes nas processos de mudança do corpo negro para um ideal branco, isto é, aquilo que apaga a identidade negra. Esses processos incluem experiências de representações e palavras que circulam a criança e o adulto a fim de criar se uma identidade nova e apagar a sua.

No primeiro estágio o racismo se esconde através da persuasão onde leva incesantemente o sujeito a desejar e projetar-se a uma situação imaginária do seu corpo diferente da sua realidade.

“O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela represão ou persuasão leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer [...] O segundo traço da violência racista [...] A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar [...] O terceiro elemento constitutivo da

violência racista. O racismo que, através da estigmatização da cor amputa a dimensão de prazer do corpo negro, também perverte o pensamento do sujeito privando-o da possibilidade de pensar o prazer, e do pensamento sitiado, acuado e acossado pela dor de pressão racista. (SOUZA, p.8)

Através desses estágios o racismo configura mudança no indivíduo. Fazendo-o ressignificar cada lacuna das suas vivências, até que sua identidade seja apagada. Cria a noção de desprazer naquilo que se vê, amputa a cor e o faz enxergar a realidade de um ideal corpo branco fazendo a criação de desejos imaginários fora da sua realidade. O racismo, modifica e apaga a essência da identidade negra, na luta de busca pela sua ascensão, acuados pelas projeções dos estágios do racismo.

Além dessa questão, é importante refletir sobre o que a entrevistada mencionou referente a sua posição política de identidade, onde a mesma se intitula a “morena clara” o que difere da posição política de auto afirmação.

CAPÍTULO II - DA LIBERTAÇÃO DA QUÍMICA A TRANSIÇÃO

O capítulo Da Libertação da Química a Transição, conta os relatos de Graziely Vieira da Silva, uma jovem moradora de Guaiúba que fala os mais diversos detalhes sobre os cuidados e processos realizados no cabelo até hoje onde passou pela transição capilar.

2.1 - GRAZIELY

Graziely Vieira da Silva é uma jovem, mãe, mulher negra que mora na cidade de Guaiuba-ce, tem 23 anos, e foi mãe aos 18 anos. Possui sua casa, onde mora com o marido e a filha. Sua ligação familiar comigo se deve através da minha família materna, onde ela é minha prima.

Graziely, tem cabelos curtos cacheados na altura dos ombros e já passou por intensas situações no cabelo. Esses acontecimentos vieram desde a sua infância até a adolescência.

A sua contribuição na minha pesquisa se deu através de uma conversa no Whatsapp. Estava dialogando sobre meu trabalho na faculdade que se tratava de uma pesquisa, onde a questão seria sobre cabelos e gostaria da contribuição da mesma naquele projeto, pois, ela pelo meu conhecimento já havia passado por grandes transformações nos fios e seria importante tê-la na pesquisa compartilhando suas trajetórias. Com isso, ela ficou bastante animada e cheia de expectativas e naquele momento já marcamos uma data para que pudéssemos realizar uma entrevista.

Chegando no dia marcado, era uma tarde bem quente, me locomovi a sua residência que fica a alguns quilômetros de minha casa, por se tratar de bairros diferentes. Na verdade a entrevista se deu na casa de sua mãe, pois sua casa se encontrava em construção.

Ela me recebeu e fomos ao local em que ela já estava, era um quarto com uma TV, cama, um espaço bem pequeno, onde também sua filha se encontrava. No momento em que cheguei houve algumas turbulências pois, como sua filha ainda é uma pequena criança, a mesma ficou bem agitada de forma alegre ao me ver naquele local. Assim, Graziely tentou acalmá-la para que pudéssemos iniciar a entrevista. E com a TV aberta logo foi possível tomar a atenção da criança. Assim, iniciamos nossa entrevista.

- Quando o assunto é o seu cabelo, quais são as suas memórias?

Graziely: Eu lembro que eu era cacheada, tinha o cabelo grande e quando entrei na minha adolescência já quis alisar e passei um bom tempo lisa.

- Tem lembranças boas e ruins na infância e adolescência? Quais?

Graziely: As minhas lembranças boas era quando eu era criança, na minha infância, era cacheado e eu não precisava se preocupar com o cabelo... E na adolescência minha lembranças

ruins foi quando eu alisei o meu cabelo, eu tive corte químico, tive que

cortar muito curto. Perdi todo o meu cabelo natural para virar lisa.

IMAGEM III
(Graziely e Laisa)



- Como cuidava do seu cabelo, produtos, técnicas...

Graziely: Eu usava apenas shampoo e creme normal para cabelo cacheado.

- Alguém ajudava?

Graziely: Quem ajudava era minha mãe...

- Naquela época desejava mudar o seu

cabelo?

Graziely: Eu desejava mudar o meu cabelo porque eu achava o cabelo cacheado muito trabalhoso, não gostava, sei lá... eu queria ser lisa, via minhas amigas alisando os cabelos e queria alisar também.

A partir do relato de Graziely, é possível fazer algumas reflexões. Uma de suas questões é falar do ocorrido com o corte químico após exceder o uso de produtos de alisamento no cabelo. Na adolescência, carregada pelo desejo de mudança, modificou a textura dos fios. É possível fazer um recorte com o acontecido, pois a mesma relata o “cabelo cacheado muito trabalhoso” Gomes (2002):

Talvez esse seja um dos motivos pelos quais algumas dessas mulheres preferiram adotar alisamentos e alongamentos na atualidade. A sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo [...] (GOMES, 2002, p.43)

É importante destacar que essa mudança é palco para novas transformações, onde a mesma já estabeleceu um seguimento de passagem para novas fases e aventuras, deixando o cuidado materno de lado e partindo para uma linhagem adulta. Em decorrência disso, Gomes (2002) fará outros apontamentos em relação a essas transformações:

Mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro, e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, resignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. (GOMES, 2002, p.44)

Com isso, Gomes discorre que no Brasil esse processo não é possível sem conflitos, onde o mesmo pode representar alguns embates com relação aceitação, rejeição ou sentimento, ou seja, essas modificações carregam divergências conflituosas que só aquele indivíduo sabe.

- *O que pensa sobre o seu cabelo hoje?*

Graziely: Ah, Meu cabelo hoje tá lindo, tá perfeito porque como já tinha falado passei pela transição, passei pelo corte químico. A transição para mim foi muito difícil... ah eu não gostava do meu cabelo.

- *Como cuida?*

Graziely: Lavo, faço alguma hidratação, deixo ele solto. Eu quero mudar ele só para deixar ele mais grande, deixar ele crescer e deixar mais volumoso.

- *Há algo ou alguém que influencia na maneira como você trata o seu cabelo?*

Graziely: Sim, quando eu passei pela transição, eu via as minhas amigas cacheadas de cabelão, cachos lindos com cabelo na cintura e queria que

meu cabelo fosse assim e aí passei pela transição e decidi voltar. As minhas amigas de classe na escola que me influenciaram a voltar nessa questão de ser cacheada e ter o cabelão. No tempo que a gente brincava de bombril na escola, teve um amigo que puxou meu cabelo e arrancou na frente e aí ele ficou dizendo que era um bombril mesmo. Puxou meu cabelo, doeu, doeu muito, chorei tanto na escola.

- *Qual era a série?*

Graziely: Acho que era 8º ou 9º ano...

- *Graziely, como você se autodeclara em relação a sua cor, como você se vê?*

Graziely: Eu sou preta, igual tu.

Graziely, resgatou um acontecimento no ambiente escolar que certamente marcou sua trajetória. Através da expressão *“puxou meu cabelo e arrancou na frente e aí ficou dizendo que era bombril”* o mesmo ocasionou seu choro na escola naquele dia. É de extrema importância refletir o ato imprescindivelmente, por se tratar do ambiente escolar, pois é o lugar em que estamos inseridos para ser ensinados, a crescer de forma intelectual e pessoal, como cidadão civil. Esses gestos de ações e palavras proferidas a pessoa negra no ambiente escolar disfarçadas de brincadeiras deixam lacunas de confusões enormes para a vítima. Elas são projeções do racismo instaurado amplamente mascarados nessas brincadeiras que deixam marcas a vida toda. Isto é, o que o questionamento que Gomes (2002) apresenta:

o olhar sobre o corpo negro na escola que nos leva a considerar como professores/as e alunanos/as negros e brancos lidam com os dois elementos construídos culturalmente na sociedade brasileira como

definidores do pertencimento étnico/racial dos sujeitos: a cor da pele e o cabelo. (GOMES, 2002, p.42)

Afinal, nessa situação, como seria ver os provedores da educação lidar com o acontecido? No entanto, mesmo se tratando de adolescentes/crianças no ambiente escolar levando em consideração que ainda não foram estimulados no senso para despertar da identidade, o marcador social do racismo contribui ainda mais para a dificuldade dessa construção e a escola tem o dever, como espaço de aprendizagem e conhecimento de fomentar essas questões para ensiná-los. Visto que segundo a Lei n. 10.639/03, ocorre a alteração da Lei 9.394/96 nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

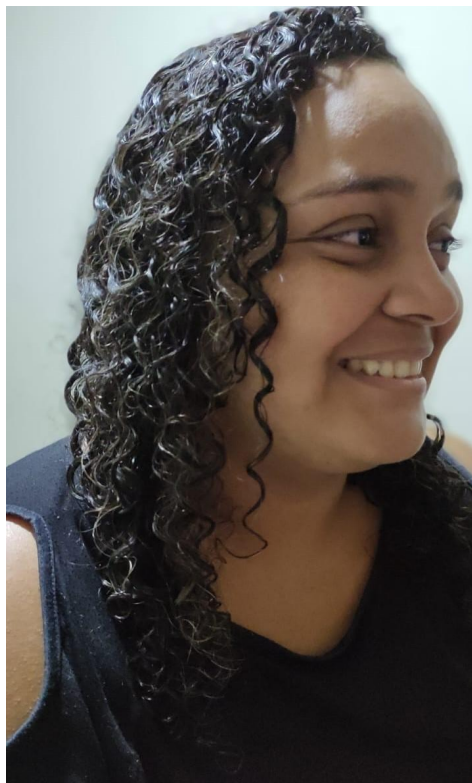
Assim, é necessário o ensino para estimulá-los ao conhecimento amplo sobre a história, direitos e sobretudo cultura a fim de desencadear o estado leigo sobre outros povos e também do Brasil.

Nessa projeção, o arco de conhecimento com relação ao ensino sobre o que é identidade, leva em consideração a resposta de Graziely, quando perguntada, sobre como ela se define com relação a sua cor e ela menciona “Sou preta”. É inteiramente importante colocar-se como corpo político diante de situações como essas que instiguem a refletir sobre quem somos.

- Se você tivesse uma palavra para definir o seu cabelo, qual seria?

Graziely: Ah, era superação, porque passar por tudo, corte químico, transição, alisamento, passar por tudo

e agora ver o meu cabelo bom original, é a melhor coisa do mundo, não tem nem o que falar, é superação. Para uma cacheada virar lisa e depois voltar a ser cacheada, é trabalhoso.

IMAGEM IV***Graziely***

Apesar dos acontecimentos, a superação se deu através do seu gesto de amor próprio. Ao destacar como superação o termo a qual define seu cabelo, ela perpassa processos de ressignificação do cabelo pois, é um encontro com o seu “eu” do passado, a criança, com cabelos longos e cacheados na missão de voltar a tê-los de volta.

CAPÍTULO III - PELOS CUIDADOS DA MÃE E O SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AO CABELO**3.1 - MARIA LIDUINA**

Maria Liduina do Nascimento Guilherme tem 70 anos, é uma mulher preta, mãe, aposentada, ex-professora, moradora da cidade de Guaiúba-ce. Exerceu o

magistério por longos 28 anos. Liduina, é minha avó paterna, casou com João Guilherme, meu avô, e tiveram 3 filhos.

Liduina, possui grande prestígio na cidade de Guaiúba pelo seu legado no professorado. No entanto, sua importância não se dá somente ao seu cargo de professora no passado, ela é também uma mulher de muita fé. É rezadeira, e utiliza sua sabedoria ancestral e espiritual através da fé, para levar a cura.

Ela é uma mulher de pele retinta, cabelos longos e fios brancos. Para ter a sua contribuição na minha pesquisa, me desloquei até sua casa. Moramos bem próximas e foi acessível te-lâ encontrado. Fui à sua residência para conversarmos. Na casa de Liduina moram 5 pessoas. É uma casa de dois andares e bem espaçosa. Na conversa que tivemos, falei sobre a faculdade e que estaria realizando uma pesquisa precisamente na minha esfera familiar. De prontidão, logo se interessou, falei sobre os detalhes e a ideias do projeto e sua cooperação foi total, onde naquele momento mesmo já gostaria de contribuir. Nós marcamos um dia específico para realizar uma entrevista.

Chegando o dia marcado, fui a sua casa, era uma noite. Na sala, esperei pela sua chegada, ela estava preparando o jantar. O lugar que estávamos é bem aconchegante, calmo, possui cadeiras e um altar com imagens de santos da igreja católica. Logo que soube que eu havia chegado, se animou e foi até a sala e sentou-se. Primeiramente, conversamos sobre os acontecimentos daquele dia e depois iniciamos a nossa entrevista.

- *Quando o assunto é o seu cabelo, quais são suas memórias? Lembra do quê?*

Maria Liduina: Minha mãe lavava meu cabelo com sabão de coco. Minha mãe enxugava meu cabelo, colocava óleo de coco e fazia uma trança.

- *Como era seu cabelo?*

Maria Liduina: Meu cabelo era... tem aquele crespo emboladinho... o meu

era aquele encaracolado.

- *Tem lembranças boas e ruins na infância e adolescência?*

Maria Liduina: Tenho boas lembranças, eu gostava do meu cabelo, era grande e volumoso. Minha mãe fazia cachos.

- *Ela usava o que para ajudar a fazer os cachos?*

Maria Liduina: O pente, penteava, modelada com o pente...

- Ela passava algum óleo ou outra coisa?

Maria Liduina: óleo de coco, não tinha creme, era só a base de óleo de coco.

- Tem lembranças ruins do cabelo?

Maria Liduina: Não, eu gostava do meu cabelo, da minha infância, da minha adolescência, eu ainda me lembro quando eu completei 15 anos meu cabelo era muito bonito. Cabelão pesado, batia na cintura.

Através dos relatos de Maria Liduina, pode-se perceber um elo muito afetivo com sua mãe, ela sempre estava presente para ajudá-la a tratar os cabelos com muito afeto e carinho. Nesse processo, além dos cuidados comuns, sua mãe realizava o ritual da trança. Gomes (2002) vai discorrer sobre:

O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazendo na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. (GOMES, 2002, p.44)

É visto que as tranças no seu processo de África para outras sociedade trazem muitos significados, e que foram modificados ao longo do tempo. Porém, precisamente mesmo depois de “perder” seu significado em outros lugares, a técnica de trança fala sobre a cultura a qual deu a sua origem, pois, é um processo de adorno que envolve estética negra, estilo e sobretudo afeto.

- Como você cuidava do cabelo naquela época?

Maria Liduina: Naquela época lavava só com sabão e óleo de coco. E depois assim, quando eu tinha uns 17 anos minha colocava na touca, era os grampos. Ela penteava meu cabelo, fazia aquela touca e colocava os grampos. Depois de algumas horas, ela virava. Quando eu soltava parecia

como é hoje, quando você vai para o salão. Ficava bonito daquele jeito. Se chamava “touca”.

- Passava 24 horas para virar?

Maria Liduina: Colocava de manhã e quando era meio dia, virava e pela tarde soltava.

- Você disse que gostava do seu cabelo, mas teve alguma época que pretendeu mudar?

Maria Liduina: Eu cortei, quando eu engravidei do meu segundo filho, me dava muito calor, agonia, eu comecei a desgostar do meu cabelo. Cortei bem curtinho.

- *Você tinha quantos anos?*

Maria Liduina: Eu já tinha mais de 20 anos. Depois não cortei mais não. Começou a aparecer os shampoos, comecei a lavar com shampoos. Era o shampoo e creme.

- *O que você pensa sobre o seu cabelo hoje?*

Maria Liduina: Hoje meu cabelo não está mais como era antigamente, era mais bonito ele tinha mais vida. Agora está sem vida.

- *E hoje, como você cuida dele?*

Maria Liduina: Hoje eu lavo ele com shampoo, uso creme, mas eu não uso mais sabão.

- *Gostaria de mudar ou renovar o cabelo?*

Maria Liduina: As vezes eu pinto ele.

- *Há algo ou alguém que se inspira na*

maneira que trata o cabelo?

Maria Liduina: Eu gosto de pintar, só pintar.

- *Se tivesse uma palavra para definir o cabelo do seu cabelo, qual seria?*

Maria Liduina: Eu ainda queria colocar na touca de grampo. Parecia quando você ia ao salão. Eu nunca usei prancha e nem tenho vontade de usar. Eu tenho vontade de colocar nos grampos, como antigamente só isso mesmo.

- *E como define ele hoje?*

Maria Liduina: Hoje, se o tempo voltasse, eu gostaria que ele fosse bem solto. Bem pesado, encaracolado.

- *Como você se autodeclara? Em relação a sua cor, como você se vê?*

Maria Liduina: Eu sou pretinha, bem pretinha.

IMAGEM V***Maria Liduina***

Liduina, possui muito carinho ao relatar sobre os cuidados em seus cabelos. A questão dos cuidados e relação com sua mãe chamam muito a atenção. A pesquisadora Denise (2017) faz um ensaio muito bem elaborado entre Moçambique e Brasília, ela discorre sobre as questões capilares de mulheres negras. Nesse projeto, assim como há o afeto de Maria Liduina e sua mãe, é a realidade das mulheres em Maputo. Ela fala “Trançar é uma prática que faz parte do cotidiano das mulheres moçambicanas” (CRUZ, 2017. p.79). O feito de trançar está além da estética de um penteado bonito, a essência dele se dá ao afeto criado, ao toque, ao carinho e ao tempo dedicado.

É de extrema importância fazer esse recorte pois, também foi pontuado por outro autor como sinônimo de ligação. Isso porque como já mencionado aqui no presente trabalho, a trança fala sobretudo de cultura e sua origem é africana.

Discorreu Kabengele Munanga “África e Brasil estão unidos pelos fios de cabelo” (apud CRUZ, 2017. p.23)

IMAGEM VI

Maria Liduina



Quando perguntado sobre a definição de seus cabelos, Maria Liduina descreve que gostaria de tê-los bem soltos e pesados. Porém, atualmente o estado capilar não se distingue tanto, seu cabelo continua com longos fios e mais do que isso carrega suas raízes. Apesar dos fios brancos da idade, o preto predomina e se envolve com cachos definidos, outros indefinidos. O mais importante disso tudo, seus fios carregam vida.

3.2 - MARIA DE LOURDES

Maria de Lourdes Bibiano dos Santos, é uma mulher negra de 70 anos, mãe, ex-professora, aposentada e moradora da cidade de Guaiúba-ce. Sua vida no magistério se deu por 31 anos na alfabetização. Lourdes, é minha avó materna, é casada com Antonio Coelho, meu avô, eles tiveram 3 filhos.

Lourdes, é uma mulher de prestígio, assim como na educação foi também na saúde. Ela muito contribuiu por longos anos na cidade de Pacatuba como atendente de um pequeno posto no centro da cidade. Isso se deu quando encerrou as atividades como professora.

É uma mulher de pele retinta, possui cabelos curtos e bem modelados. Para tê-la na pesquisa me dirigi a sua casa que, assim como algumas das outras entrevistadas, moramos na mesma rua. Lourdes, mora com meu avô, coelho, o espaço é amplo e bem espaçoso. Todas as noites costumo ir a sua casa para jantar e neste dia não foi diferente. Na conversa habitual que tivemos após o jantar, mencionei a pesquisa que estava fazendo sobre cabelos com mulheres da família. Nisso, ela se interessou e logo se prontificou a contribuir. Com isso, marcamos um dia para realizar a entrevista.

No dia marcado, cheguei para fazermos a entrevista. Era uma noite, e primeiramente como de costume jantamos e depois realizamos a entrevista. Estávamos na cozinha, sentamos à mesa e iniciamos a entrevista.

- Quando o assunto é o seu cabelo, quais suas memórias?

Maria de Lourdes: Quando o assunto é o meu cabelo, quando eu era criança eu lembro que ele era longo, era comprido e cacheado. Toda a vida meu cabelo foi cacheado, cheio de cachinhos, era muito bonitinho meu

cabelo.

- Teve lembranças boas e ruins na infância e adolescência?

Maria de Lourdes: Na minha infância as lembranças que eu tenho... eu tenho boas lembranças da minha infância. Graças a Deus eu fui uma pessoa muito amada como sou até hoje. Minha mãe

era muito apegada a mim. Eu sou a caçula, inclusive para minhas irmãs era assunto até de ciúme porque eu tinha um apego muito grande com minha mãe e ela comigo. Ela cuidava muito bem do meu cabelo.

- O que ela fazia no cabelo?

Maria de Lourdes: Ela fazia mais cachinhos, colocava grampos, ela prendia, colocava laçinhos, ajeitava e ficava muito bonitinho.

- o que vocês usavam na época?

Maria de Lourdes: A gente usava óleo de coco. Como eu era assim, um pouco vaidosa, toda a vida eu estudava, eu queria um óleo cheiroso, eu não queria aquele cheiro de óleo de coco, ela colocava perfume dentro. E aí, foi o tempo em que fui ficando maior, atingindo a adolescência. E aí passei a ficar usando outros óleos como eu lembro, era um óleo de lavanda.

- Então, esses eram os produtos que você usava?

Maria de Lourdes: Era, a lavanda... Nessa época não tinha creme.

- Em algum momento desejou mudar o cabelo? **Maria de Lourdes:** Não, eu nunca tive desejo de mudar meu cabelo. Nunca, de jeito nenhum. Nem alisar, por mais que visse os outros de cabelo alisado. Inclusive dizia “Lourde, alisa teu cabelo mulher, vai ficar tão grande” E eu dizia “Não, eu não gosto de cabelo alisado, não gosto de jeito nenhum.” Sempre o meu cabelo, ele foi cacheado.

- E da vez que você comentou que alisou ele?

Maria de Lourdes: Quando foi no ano de 2000 que eu terminei a faculdade de pedagogia porque eu sou formada em pedagogia. Eu mandei fazer um alisamento para a festa, mas eu me arrependi profundamente. Não gostei. Quando eu vi meu cabelo alisado que eu olhei no espelho... Meu cabelo ficou bem grandão. Alisado eu não gostei

Cabelos, além da estética representam também as emoções. Não difere do trecho da entrevista quando Lourdes fala que não gostou quando viu seu cabelo liso no espelho, “Não gostei. Quando eu vi meu cabelo alisado que eu olhei no espelho... “. Como mencionou Cruz (2017) (...) Estética não é somente a aparência; ela envolve sentimentos, emoções e corporalidade. CRUZ (2017, p.14)

IMAGEM VII

Maria de Lourdes



- o que pensa sobre o seu cabelo hoje? E como cuida?

Maria de Lourdes: Ah, hoje em dia é diferente, né. A gente usa shampoo.

Tem o shampoo para cabelo crespo, cabelo cacheado. Tem o condicionador, o creme e sempre eu tenho muito cuidado com meu cabelo.

- Pretende fazer alguma mudança?

Maria de Lourdes: Eu não penso em fazer mudança no meu cabelo. Inclusive, ele já está começando a pintar e aqui ou ali tem cabelo branco. E tem gente que diz assim: “Mulher, pinta os cabelos. Eu digo não!! Eu não pinto meus cabelos de jeito nenhum”. Quando ele ficar branco, ele vai ficar branco natural até o dia que Deus quiser.

- Se inspira em alguém na maneira que trata os cabelos?

Maria de Lourdes: Não, eu não me inspiro em alguém para cuidar dos meus cabelos. Eu cuido sem inspiração. Agora, tem algo que eu acho bonito. É a pessoa que tem o cabelo bem grande. Aquelas pessoas que tem o cabelo bem comprido. Inclusive, eu tenho uma amiga, é uma irmã da igreja, ela só usa shampoo, ela não usa nem creme no cabelo. Nem óleo nem nada, só o shampoo que ela cuida. Acho bonito, o cabelo dela é longo e também é crespo.

- Tem algum ambiente que se preocupa com a aparência do cabelo?

Maria de Lourdes: Na igreja, como sou evangélica e ... eu acho bonito a pessoas andar de cabelo solto. O cabelo da mulher evangélica, é o véu

da gente. É considerado como um véu. É muito bonito a pessoa que preserva seu cabelo. E o cabelo é para ser preservado mesmo. É para andar de cabelo cheiroso, que às vezes sempre chega uma pessoa para lhe dar um abraço e a primeira coisa é cheirar a cabeça da gente, já pensou? Tem que estar cheirosinho, lavado. Shampoo, colocado creme, ter aquele cuidado. Colocar uma xuxinha para prender. Só a parte de cima e o resto ficar solto.

- Se tivesse que definir seu cabelo em uma palavra, qual seria?

Maria de Lourdes: É... como a gente é evangélica eu defino meu cabelo como um véu. Um véu que envolve o meu corpo, né? Que o nosso corpo é templo e morada do espírito santo. E o cabelo, ele influi muito. E é bonito a pessoa que tem o cabelo preservado, ou encaracolado, de acordo com o que a pessoa queira. Eu também não tenho nada contra quem alisa seu cabelo, quem faz qualquer coisa. Agora, quanto ao meu eu quero ele sempre cheio de cachinhos, sem alisar, sempre ele crespo.

- E como você se vê com relação a sua cor, como se autodeclara?

Maria de Lourdes: Eu? Eu sou preta, moreninha.

O cabelo assume uma posição indentitária para o negro. Destacada sua importância como marco da negritude, esse atributo oferece significativos olhares em outras sociedades, de acordo com Byrd e Tharps (2001):

(...) no início do século XV o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais. Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo os Wolof, Mende, Mandingo e Iorubás, foram escravizados e trazidos para o Novo Mundo. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, pois cada clã tinha o seu próprio e único estilo. (apud, GOMES, 2002, p. 82)

O povo africano possui muitas contribuições com relação aos significados das coisas e uma delas, precisamente, é o cabelo. O cabelo era o condutor de conhecimentos entre civilizações, demarcava origens, e identidades. É muito interessante refletir sobre tal contribuição pois, a força simbólica do cabelo que os africanos construíram reflete hoje nos salões étnicos e em práticas cotidianas ressignificadas.

Lourdes, quando perguntada sobre o valor de seus fios, ela o destaca como véu, assim atribuindo um significado muito íntimo e faz relação disso com a sua religião, a qual é muito devota. Isto é, também constituir um significado simbólico àquilo que é do seu íntimo, é uma representação pessoal. Os significados a qual atribuímos às coisas dizem muito sobre nós no presente e o legado que deixamos com isso, e não difere das contribuições dos povos africanos em relação às significativas do cabelo que permeiam até hoje.

IMAGEM VIII
Maria de Lourdes



10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões apresentadas, foi possível discorrer sobre as memórias que o cabelo traz na trajetória de mulheres negras. Essa discussão precisamente gira em torno de reflexões embasadas nas temáticas de identidade, corpo negro,

racismo, estética negra e principalmente na troca de conhecimento com mulheres pretas a cerca de suas experiências de vida.

Além do que se viveu e vive com relação aos fios, é importante tomar o corpo presente de uma reflexão. Até porque não é só passar por processos, mas entendê-los e poder refletir com eles. E sobretudo, quando há superação. Pois é a palavra mencionada ao falar sobre a representação do cabelo, como algumas entrevistadas.

A questão é, inteiramente necessário entender os processos que cercam os conflitos internos para buscar conhecer e reconhecer a identidade em seus processos, pois sabe-se que não é fácil, até porque o sujeito negro lida com conflitos internos e para que ele possa reconhecer, há de haver tomada de posse de consciência limpa para desprender-se do imaginário alienado ao racismo que corrobora cada vez mais para o apagamento da cultura negra como um todo.

É de inteira importância que o debate seja livre para qualquer pessoa e acima disso que ela tenha acesso a ele independente da sua posição social, para reconhecer-se e se desprender das amarras do racismo que contribui para a segregação do corpo preto.

O cabelo, nessa pesquisa é o condutor, pois é através dele que todas essas questões foram refletidas. O cabelo, para além de cuidados carregam sentimentos, ao serem maleáveis, sentimentos criados no início da vida, onde a mãe toma seu lugar como protetora e cuidadora daqueles fios em um cerco de afeto.

Assim, essa pesquisa vai em busca de trajetórias e memórias relacionadas ao cabelo, mas para além disso, ela visa contribuir para as discussões de identidade negra, para a mulher negra, para o racismo, para a estética negra, e a pessoa negra.

11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela.. et al. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais Bloco Qualitativo. São Paulo: Sesc CEBRAP, 2016.

AGUIAR, Taís Rodrigues de. **Cabelo Além da Estética: transições capilares e identitárias pelas negras**, Pelotas, 2018, 148, Dissertação de Pós Graduação (Antropologia Social e Cultural do Instituto de Ciências Humanas) Universidade Federal de Pelotas.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que Leveza Busca Vanda? Ensaio Sobre Cabelos no Brasil e em Moçambique**, Brasília, 2017, 206, Tese de doutorado (Antropologia Social) Universidade de Brasília.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo Como Símbolos da Identidade Negra**. Rejane Dias, Cecília Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultura?. 2002. Minas Gerais: 2002.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. 2003. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, 2002.

GONÇALVES Thaís. MOURA, Paula Nascimento da Silva. Literatura Infantil e Identidade: Análise da obra “o cabelo da lelé”. **Revista Científica da FHO | UNIARARAS**. São Paulo v. IV, n. 1/2016, p 1 - 9.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Márcia Lima, Flavia Rios. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MARQUES, Hercules da Silva. **Jovem Preto Rei: Nascido Para Vencer**. São Paulo: Sonia Bischain, 2019.

SILVA, Luzianne Maria da. **O cabelo Crespo e a Trajetória Escolar no Processo de Construção da Identidade Negra**, Redenção, 2014, 53, Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Humanidades) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.